

Genética textual e método: o processo de gênese na produção de manuscritos escolares a partir de versões em criação

Dennys Dikson¹

Primeiras Palavras

A PRESENTE INVESTIGAÇÃO está situada na linha de estudos proposta por Calil², voltada a análises de processos de criação e escritura de diferentes gêneros textuais em contextos escolares, individualmente ou a partir da interação entre alunos recém-alfabetizados. Utilizando como recurso metodológico filmagens desses processos de criação, marcados por uma escrita conjunta de um único texto por uma díade de alunos, nosso viés investigativo pretende trazer contribuições substanciais ao campo da Genética Textual (GT)³, ao apresentar, dentro do caminhar metodológico de um projeto didático, cada um dos movimentos do processo de invenção de textos em ambiente de sala de aula como sendo uma *versão* – seja oral, oral/escrita, escrita/oral, ou final – da gênese criativa do manuscrito escolar (ME) finalizado.

Normalmente, os trabalhos voltados a análises ou estudos de textos produzidos por alunos em ambiente ecológico-escolar focam em textos findos, terminados, “passados a limpo”, enxutos dos “erros”. Ou seja, perdem-se os aspectos processuais de autoria quando se analisa ou se “corrige” apenas o texto final; perdem-se também os passos dados para que o texto se torne e venha se tornando texto; bem como as pistas que as falas, rasuras, rabiscos, combinações, trocas de ideias, etc., podem deixar como rastros relevantes de investigação. Tendo essas inquietações como ponto de partida, traremos aqui uma discussão não voltada à análise de textos em si, mas direcionada a uma questão metodológica de grande relevância para pesquisas que tenham ME como objeto de perquirição, e tratada por alguns estudiosos do campo da Genética Textual (GT)⁴, qual seja: entender como cada

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco. Contato: dikson22@hotmail.com.

² CALIL, Eduardo. *Escutar o invisível: escritura & poesia na sala de aula*. São Paulo: Unesp, 2008. CALIL, E. *Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas*. 2. Ed. Londrina: Eduel, 2009.

³ Entendemos plausíveis as discussões apresentadas por Dikson (2015) no que se referente à diferenciação metodológica entre Genética Textual e Crítica Genética. Em síntese, esta última encontra-se bem mais ligada aos estudos dos manuscritos literários ou artísticos de autores já devidamente reconhecidos em suas respectivas áreas; enquanto a primeira busca trabalhar os mais diversos processos referentes aos textos nas mais variadas possibilidades de gênese e criação. No nosso caso, especificamente, os manuscritos escolares. Usa-se GT tanto para “Genética Textual” quanto para “Genética de Textos”.

⁴ GRESILLON, Almuth. *Éléments de Critique Génétique: lire les manuscrits modernes*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1994. Tradução no Brasil: *Elementos de Crítica Genética: ler os manuscritos genéticos*. Trad. Cristina de Campos Velho Birks... [et. al.]. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007; FERRER, Daniel. A crítica genética do século XX será transdisciplinar, transartística e transemiótica ou não existirá. In: ZULAR, Roberto (Org). *Criação em Processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002; DE BIASI, P.M. *A Genética de Textos*. Trad. Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010; WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária*. São Paulo: Edusp, 1993; CALIL, Eduardo. “Escritura, memória e associação: processos de criação

versão da gênese do texto [escolar] se apresenta a partir da aplicação e da metodologia trazida por um Projeto Didático de escritura, criação e invenção de histórias em quadrinhos (HQ) em sala de aula; e como essas versões podem trazer outros olhares ao professor e, principalmente, ao professor-geneticista ou estudioso da área que busca não exclusivamente o fim, mas, em especial, a processualidade, ou melhor, os meios.

Em um primeiro momento, traremos alguns aportes teórico[-metodológicos] da GT, como lugar de embasamento crítico; em seguida, apresentaremos o projeto didático em si, junto com sua metodologia; e, por derradeiro, refletiremos como esse trabalho pedagógico nos proporciona um *corpus* com versões textuais da gênese de criação que dão origem ao ME final, aquele que o aluno entrega quando termina de produzir a atividade solicitada pelo professor durante a aula.

Criação e Genética textual

Mergulhar nos estudos da GT é caminhar no mundo do trabalho sempre inacabado do geneticista – aquele que, incansavelmente, deita-se sobre o manuscrito, no prototexto⁵, para buscar o que riscos, rasuras, correções, traços, proposições, apagamentos, deslocamentos, figuras, rabiscos, etc., podem oferecer enquanto interpretação e hipótese; isto é, é através do que o texto “não pronto”, em processo de escritura, apresenta, em suas possíveis e diversas versões, que o estudioso vai procurando “desvendar”, compreender, analisar e formar possibilidades acerca dos motivos, das causas, dos porquês, que circunstanciaram a criação desta ou daquela materialidade textual⁶. Aquele que adentra no campo da GT como estudioso não é mero espectador ou especulador da escrita, do que está posto no papel, na verdade o geneticista extrapola:

Do traço fixo, isolado e frequentemente distanciado da mão que escreve, ele remonta às operações sistemáticas da escritura – escrever, acrescentar, suprimir, substituir, permutar – pelas quais identifica os fenômenos percebidos. A partir dessas redes de operações, ele forma conjecturas sobre as atividades mentais subjacentes. Ele constrói

de poemas por alunos recém alfabetizados”. *Revista da Anpool - eletrônica (online)*, n. 36, p. 371-402, Florianópolis, Jan/Jun, 2014; DIKSON, Dennys. *Estabelecimento do tópico discursivo em processo de escritura em ato de histórias em quadrinhos por diádes recém-alfabetizadas*. Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2011; DIKSON, Dennys. *A gênese da referência-tópica em processos de escritura de histórias em quadrinhos da turma da Mônica: criação textual de alunas recém-alfabetizadas*. Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2015.

⁵ Em nota de rodapé, Grésillon mostra que “O termo foi proposto e definido por Jean Bellemin-Noël, em sua obra *Le texte et l'avant-texte*, Paris, Laurosse, 1972. ‘Prototexto’: o conjunto constituído pelos rascunhos, pelos manuscritos, pelas provas, pelas ‘variantes’, visto sob o ângulo do que precede materialmente uma obra, quando essa é tratada como um *texto*, e que pode formar um conjunto com ele”. GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de Crítica Genética: ler os manuscritos genéticos*. Trad. Cristina de Campos Velho Birks... [et. al.]. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007

⁶ O professor Philippe Willemart, em recente conferência de abertura do III Simpósio Nacional de Crítica Genética e Arquivologia, realizado em agosto de 2016, na UESPI, apontou algo em sua fala acerca de “camadas de sentidos” que os manuscritos fornecem às análises – talvez possamos fazer uma analogia dessa noção também quando tratamos de *versões* em ME. *Versões* estas portadoras de “camadas de sentidos” que, juntas, nos possibilitam significativas interpretações ao texto.

[...] hipóteses sobre os caminhos percorridos pela escritura e sobre as significações possíveis desse processo de criação.⁷

Embora a raiz da GT advenha de estudos de manuscritos literários de autores consagrados, é interessante asseverar que não há “exclusividade teórica” nisso. Quer dizer, quando se trata de GT, não se quer falar que temos por objetos apenas textos de literatos de renome; de forma alguma. O leque é bem mais amplo, e é por isso que pisamos nesse terreno frutífero do geneticista. De Biasi é bem enfático sobre tal ponto, quando afirma que “O modelo de análise genética [...] pode, sem dúvida nenhuma, se estender a outras manifestações de criação”, e acrescenta que fazer essa “extensão só é possível para as *obras* cujos arquivos de trabalho foram mantidos”.⁸ O grifo em *obras* foi absolutamente proposital. Nossas “obras”, nossos arquivos de trabalhos, são exatamente os ME e seus processos dialogados – ou melhor, suas *versões* – produzidos pelas díades em sala de aula, a partir de HQ. Estas são as “obras” que preservamos e mantemos análises, estendendo traços da GT para os quadrinhos produzidos pelos discentes em *locus* escolar.

O genético de textos, senão escolhas, no mínimo deve implicar preferências:

as da produção sobre o produto, da escritura sobre o escrito, da textualização sobre o texto, do múltiplo sobre o único, do possível sobre o finito, do virtual sobre o *ne varietur*, do dinâmico sobre o estático, da operação sobre o *opus*, da gênese sobre a escritura, da enunciação sobre o enunciado, da força da escrita sobre a forma do impresso.⁹

Esta passagem de Grésillon parece sintetizar o trabalho do crítico-genético-textual¹⁰. O interessante é que, se observarmos com um pouco mais de atenção e pensarmos como temos tratado os manuscritos, em especial os formulados em sala de aula a partir de atividades conduzidas pelos professores, vamos notar que, na imensa maioria das vezes, agimos de forma contrária: primeiro o rascunho é desprezado, depois olhamos, corrigimos, avaliamos e atribuímos notas ao produto, ao escrito, ao texto, ao único, ao que finalizou, ao estático, ao que foi enunciado. A posição defendida aqui, através do que traz a GT, seria inverter esses direcionamentos, analisando, observando e construindo situações interpretativas da produção, da escritura, da textualização, do múltiplo, das possibilidades e do dinâmico, atentando sempre às versões da gênese, às etapas, ao processo. Não seria bem um novo olhar como a autora logo acima propõe, talvez fosse mais um deslocamento de olhar. Não um novo, mas um revirado, invertido, diferenciado, apontado exatamente para a processualidade, ao “como se faz” e “de que forma” se sustenta cada um dos passos constituintes da gênese do texto. Conforme afirma Souza¹¹:

Não é chegar ao texto único, o mais original, o mais perfeito, o mais próximo do *ânimo autoral*, a última vontade do autor, mas sim avaliar a criação do autor, os diversos momentos da criação, o como e o porquê da criação. Por isso os críticos genéticos não falam em variantes e erros, e sim em rasuras e consistências, pois as

⁷ De Biasi, P.M. Op. cit., p. 29-30.

⁸ Ibidem, p. 219 – grifo nosso.

⁹ GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de Crítica Genética: ler os manuscritos genéticos*. Op. cit., p. 19.

¹⁰ Os hifens são apenas para indicar que não há como separar o Crítico, a Gênese e o Texto.

¹¹ SOUZA, Adalberto de Oliveira. “Crítica Genética”. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2005, p. 243.

opções do autor revelam momentos diferentes da criação e iluminam a compreensão da obra como um todo.

O mundo do analista na área da GT parece ser infinito diante das possibilidades que os manuscritos – dentre os quais os escolares – podem trazer em seus traços, riscos, rabiscos, letras e palavras, tendo em vista que “o crítico da gênese além de extrair e de expor as riquezas encontradas, pretende tal qual um alquimista, discernir e entender o processo de criação”¹². Essa parece ser a mais dura missão na interpretação da escritura, a tarefa de entender o processo criativo; compreender essa ranhura, que nunca veda, existente entre o escritor e sua própria escritura; e apreender esse rasgo que teima em não colar.

É muito interessante com isso vemos que a GT não é um campo teórico com categorias fixas ou pré-estabelecidas de análises, por exemplo, em que se toma um determinado texto e realizam-se interpretações a partir de categorias prontas e já dadas. Bem distante disso, trata-se de um lugar teórico – ou teórico-metodológico – que discute/enxerga/analisa/interpreta/busca a relação do escrevente com o processo de composição do texto, da formulação do manuscrito, dos traços, dos rabiscos e rascunhos que se apresentam no papel, e de que forma o geneticista deve se comportar ao realizar as investigações, dentre outros caminhos. Isso porque

Não existe um modelo de crítica, e acreditamos que a escritura tanto quanto a crítica são tão singulares e independem de um padrão teórico estabelecido por uma escola determinada. Qualquer teoria deve ser encarada como uma proposta, ou melhor, uma ficção, isto é, uma história realista, fantasiada ou maravilhosa, que explica de forma ‘objetiva’, imaginária ou encantada fatos literários para o leitor.¹³

Reconstituir, a partir dos ME, a processualidade de cada uma das versões do ME (escrita e falada), entendendo os engendramentos escriturais “parciais e solidários” – como mostra De Biasi –, dentro de um “pano de fundo” escolar enquanto aluno – conforme aponta Calil –, seria uma das tarefas, senão a principal, do crítico genético no papel de professor genético; por isso que as filmagens¹⁴, preservando o ecológico, apresentando a coenunciação, representam um outro lugar manuscrito [que se junta ao texto do papel], pois, caso não houvesse esses registros, o “ato”¹⁵ em si estaria oculto e precisaríamos interpretá-los hipoteticamente, conjecturá-los, até porque o ME “é um objeto que preserva, apenas graficamente, o resultado do traço na superfície escrita. Invisíveis no manuscrito final, o que foi pensado pelo escrevente no momento da efetivação de uma rasura resta perdido”¹⁶; é por isso que assistindo essas escrituras em vídeo, o co-discurso das crianças – o que sempre fica “perdido” –, lugar de outras versões da gênese do texto, pode-se realizar um traçado analítico bem mais substancial entre o *scriptor*, o manuscrito e o próprio prototexto em *nascendi*.

Enquanto os grandes teóricos da área da GT tratam os diversos rascunhos e rabiscos de um texto literário e esse mesmo texto acabado como, cada um, uma versão, nós vamos entender da mesma maneira, entretanto

¹² WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária*. São Paulo: Edusp, 1993, p. 19.

¹³ Ibidem, p.19.

¹⁴ Em cada encontro com a turma, uma dupla de alunos era escolhida para ser filmada. Isso é um movimento metodológico de grande valia, pois mantém toda a conversa e discussão da diáde enquanto inventavam e produziam seu próprio texto.

¹⁵ Entenda-se “ato” como Calil (2008, 2009) tem apresentado, enquanto o momento em que a discussão do texto ocorre ou a escrita colaborativa está acontecendo.

¹⁶ CALIL, Eduardo. *Escutar o invisível: escritura & poesia na sala de aula*. São Paulo: Unesp, 2008, p. 122.

trazendo para o caminho metodológico não só comparações das versões do escrito, mas trechos do processo filmico coenunciativo durante o processo de criação em ato, enquanto as crianças discutem e escrevem a atividade, com os textos finais, os ME. Como a própria GT argumenta, não há lugares teóricos fixos ou categorias definidoras de análises na gênese textual, é o geneticista que mostra o caminho e traz as análises pertinentes, com o intuito de desvendar o processo de criação textual. É por aí que caminhamos.

As histórias em quadrinhos, um projeto didático e as versões da gênese

O gênero que escolhemos para servir de atividade em sala aos alunos foram as HQ da Turma da Mônica (TM¹⁷). Escolher especificamente os quadrinhos dentre tantos gêneros disponíveis se deu porque as HQ “constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o ‘visual e o verbal’”¹⁸, e essa constância da imagem com o verbal – ambos complementando-se mutuamente, ainda que haja HQ sem texto –, juntamente com a parte lúdica que comporta, são condições privilegiadas para se trabalhar com crianças em processo de alfabetização na sala de aula.

Além do mais, Ramos nos mostra que as HQ apresentam-se “como se um determinado instante fosse congelado, por mais que, eventualmente, possa sugerir movimento”, e acrescenta que neles “agrupam-se cenário, personagens, fragmentos do espaço e do tempo”¹⁹: essa delimitação faz entender que a imagem – mais precisamente a sequência de imagens ou o congelamento agrupado – é o coração das HQ. É a constância das imagens – acompanhada ou não de texto escrito – um forte aspecto pontual que permite à HQ se constituir enquanto um gênero bastante específico, e que pode ganhar muito espaço em sala de aula em que crianças sejam o público alvo. As imagens, ou melhor, essa tão complexa formulação semiótica que as historinhas comportam, dá bem mais visibilidade signica e uma maior possibilidade de criação e invenção das crianças, exatamente durante os diálogos e discussões da diáde no momento de construir sua própria HQ.

O *corpus* deste trabalho foi retirado de um projeto bem maior, denominado *Gibi na Sala*²⁰. Projeto este em que foram elaboradas 60 propostas de atividade escolar tendo por fim a de leitura e interpretação dos textos-quadrinhos e 36 propostas voltadas à criação e escritura. Na constituição dessas atividades, tentou-se propiciar condições favoráveis nas consignas e na disposição das HQ para favorecer a entrada do aluno no funcionamento linguístico-discursivo deste gênero. Essa prática foi de extrema valia aos alunos, pois a imersão no universo da cultura escrita e, consequentemente, nos gêneros textuais que o constituem, instaurados através de diversas

¹⁷ As histórias da Turma da Mônica foram as escolhidas, por constituírem uma “turminha” já bem conhecida no Brasil, com boa circulação, inclusive com desenhos animados já transmitidos em algumas redes abertas televisivas.

¹⁸ VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “Alfabetização Necessária”. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (org). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 31.

¹⁹ RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 89.

²⁰ Este *corpus* pertence ao banco de dados Práticas de Textualização na Escola (PTE), situado no Laboratório do Manuscrito Escolar (LÂME), do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (CEDU-UFAL), coordenado pelo Prof. Eduardo Calil, que possui mais de três mil manuscritos escolares e aproximadamente trezentas filmagens. Seu objetivo é coletar e preservar manuscritos escolares (e seus processos de escritura, quando há), fornecendo material de pesquisa integrantes do Grupo de Pesquisa *Escritura, Texto e Criação* (ET&C), bem como aos interessados pela produção de texto/escola.

práticas interacionais²¹, mostra-se como uma arma poderosa que pode ser fomentada em ambiente escolar. O objetivo do projeto seria fornecer situações de ensino-aprendizagem adequadas ao gênero, permitindo que ele se apresentasse em sala de aula de modo intenso, sistemático e significativo, para que, a partir dessa contextualização, os alunos pudessem apreender o funcionamento desses textos e também criassem suas próprias HQ.

A execução do *Gibi na Sala* ocorreu em uma escola pública de Maceió²², no segundo semestre de 2008, de outubro a dezembro. A instituição trabalhava com a Educação Infantil e Ensino Fundamental (primeiro ao quinto ano). Os turnos de funcionamento eram o matutino e vespertino e atendia, em especial, crianças dos bairros Village Campestre, Graciliano Ramos e Tabuleiro dos Martins. Tendo em vista toda limitação, seja financeira ou de pesquisadores que constituíam o L'AME²³, apenas uma turma foi selecionada, uma segunda série do Ensino Fundamental²⁴. Para selecionar esta turma, alguns critérios foram observados, como os alunos serem recém-alfabetizados, o professor aceitar a execução em sua sala de aula e os pais concordarem com a pesquisa²⁵.

Nas propostas de leitura, interpretação e produção de texto, os alunos foram organizados em duplas pela professora da turma e pelos pesquisadores que fizeram parte da execução do projeto. Para formar os pares, seguiam-se alguns critérios, como o relacionamento que havia entre os alunos ou duplas que falassem alto durante a combinação da história (para captação do áudio pela câmara). Em cada um desses encontros em sala de aula, era executada uma atividade, momento este em que a professora ou os investigadores explicavam às diádes a consigna que consistia em a dupla, primeiro, inventar e combinar a história sem estar com a caneta em mãos, e, logo após, com caneta, rediscutir e escrever o que tinham combinado. Em cada encontro, também por questões de limitações financeiras, apenas uma diáde de alunos era filmada, desde a combinação até a finalização do ME.

As propostas realizadas, em média, quinzenalmente, fazem parte dos processos de escritura filmados e estavam “semi-estruturadas”, isto é, continham as imagens organizadas sequencialmente, como no texto original, mas não apresentam os textos. Em palavras mais detalhadas: foram oferecidas aos alunos pequenas HQ da TM, publicadas no Portal da Mônica e em gibis impressos, de uma ou duas páginas A4, as quais os discentes não tiveram acesso anteriormente. Foram apagadas digitalmente, com a ajuda do programa de computador *PAINT*, todas as referências linguísticas destas HQ, isto é, as falas dos personagens, títulos, interjeições, onomatopeia e, inclusive, as marcas tipográficas que indicam a fala dos personagens, como, por exemplo, os balões. Os alunos apoiavam-se somente na sequência de imagens, fotocopiadas em preto e branco, para inventarem o texto que julgassem necessário. Os termos, como elementos verbais e escritos, título, legendas – quer dizer, todas as marcas gráficas que pudessem indicar presença de texto escrito e que apareciam nas HQ originais saíram para transformarem-se em atividade escolar. Vejamos um exemplo de uma atividade, primeiro em formato original retirada do *site* e, depois, tratada com o programa *PAINT*:

²¹ MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

²² Escola Municipal Cícero Dué da Silva, localizada no Conjunto Residencial Tabuleiro dos Martins, Maceió-AL.

²³ Laboratório do Manuscrito Escolar, sediado no Centro de Educação (CEDU) da Universidade Federal de Alagoas-AL.

²⁴ Hoje equivalente ao 3º ano do Ensino Fundamental.

²⁵ Dados coletados sob a aprovação do Comitê de Ética da UFAL, em 2008.



Figura 1 - Quadrinho original.

Fonte: site da *turminha*: www.monica.com.br

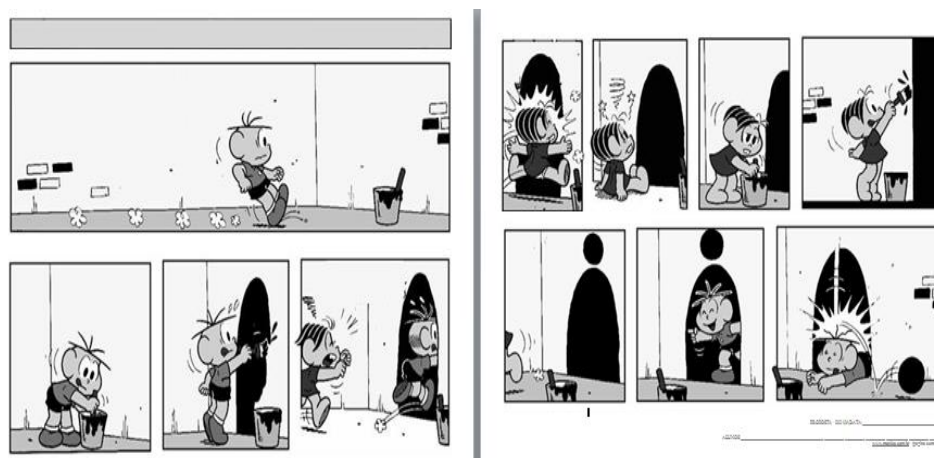


Figura 2 - Quadrinho transformado em atividade escolar.

Fonte: site da *turminha*: www.monica.com.br, traduzido com o programa *PAINT*.

Este tipo de proposta com apagamentos se justifica por duas razões. A seleção das HQ da TM permitiria aos alunos que tinham pouco contato com materiais escritos do gênero, acesso ao universo cultural proposto pelos quadrinhos. Em segundo lugar, a solicitação de se escrever uma HQ sem dar nenhum tipo de apoio visual, exigindo do aluno de apenas 8 anos²⁶ a criação dos personagens, do *storyboard*, das cores e traços, etc., seria uma proposta didaticamente inadequada. Vejamos, então, como a questão do método nos é tão relevante e como o Projeto *Gibi na Sala* permitiu observar cada versão da gênese criativa do ME.

Versão Processo em Coenunção

A primeira etapa da constituição e criação da HQ no *Gibi na Sala* diz respeito ao início da tarefa escolar, que consistia em as duplas de alunos, com a atividade em mãos (atividade esta forjada em duas folhas de papel A4, no modelo logo acima apresentado), apenas combinarem entre si toda a história que deveria ir à escritura para o

²⁶ A média de idade dos alunos era entre 7 e 8 anos.

papel. Sem a caneta em mãos, as díades deveriam inventar quadrinho por quadrinho, utilizando o recurso discursivo-coenunciativo, pois a caneta só era entregue quando a HQ já estava toda inventada oralmente. Essa é a primeira parte da versão genética do ME, a qual nomeamos de “Versão Processo em Coenunciação”, isso porque temos uma discussão oral do nascimento do texto apresentada num processo de construção exclusivamente [co]enunciativo. As filmagens – com todo o contexto ecológico de sala de aula – são, então, o lugar de apropriação do *corpus*, pois se fundem o registro fílmico em si juntamente com as transcrições²⁷ que o pesquisador deve fazer dessa etapa, configurando o primeiro momento de gênese. Temos, dessa maneira, uma *versão* de criação do ME:



Figura 4 - Díade de alunas em processo de coenunciação.

Fonte: filmagens realizadas em sala de aula.



Figura 5 - Díade de alunas em processo de coenunciação.

Fonte: filmagens realizadas em sala de aula.

Versão manuscrito em coenunciação

Encerrada a combinação exclusivamente oral pelas díades da atividade em HQ, inicia-se o segundo momento da gênese textual, instante em que as duplas, à medida que vão terminando o “processo em coenunciação”, chamam a professora (ou pesquisador presente), informam que já combinaram a história e pedem a caneta. Nesta etapa, um dos alunos de cada díade vai iniciando a escritura dos textos na HQ, sendo que o outro aluno não escreve, porém a discussão continua, pois as duplas, já com a caneta em mãos, precisam ir construindo os

²⁷ Modelo de transcrição está devidamente apostado mais adiante.

textos a partir do que foi conversado na etapa anterior, e, ao mesmo instante, precisam rediscutir coenunciativamente toda história de novo. Dizendo de outra forma: à medida em que escrevem, também conversam, mantendo ou modificando o que combinaram anteriormente. A esta fase constitutiva do nascimento do texto, chamaremos de “Versão Manuscrito em Coenunciação”, exatamente por o ME ir sendo gerado ao mesmo tempo que está sendo discutido, ou seja, além da filmagem, temos uma nova [re]discussão da HQ, que se transformará em uma outra transcrição. É importante observar que cada uma dessas versões criativas crava-se em um tripé metodológico bem diferenciado, quer dizer, está diretamente ligada ao texto em si, às filmagens [em contexto] e à transcrição das falas geradas desses registros filmicos. Eis, então, mais uma *versão* da criação em processo:

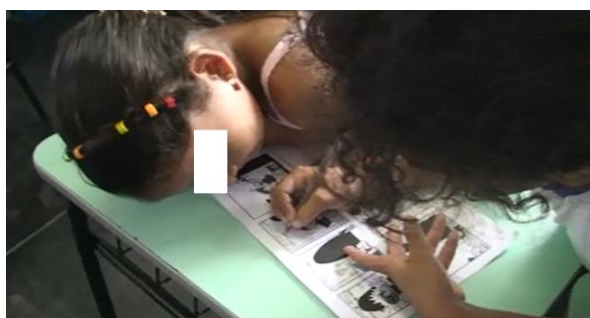


Figura 6 - Díade de alunas produzindo manuscrito em coenunciação.

Fonte: filmagens realizadas em sala de aula.



Figura 7 - Díade de alunas produzindo manuscrito em coenunciação.

Fonte: filmagens realizadas em sala de aula.

Versão transcrições do processo e do manuscrito em coenunciação

Cada filmagem em cada aula possui cerca de uma hora e vinte de duração. Após findas as realizações filmicas, o geneticista/pesquisador precisa transcrever todos os diálogos, desde a versão Processo em Coenunciação até o ME terminado. O trabalho é bem dispendioso e complexo. Para tal, utilizamos um programa de computador

chamado ELAN²⁸, *software* que oferece ferramentas interativas para se colocar em atividade os dados registrados (as falas, conversas, discussões) em sistema filmico, incorporando à transcrição, de forma bem ordenada, simultânea e precisa, aspectos presentes na situação filmada, como, por exemplo, gestos, expressões faciais, direção do olhar, falas, rasuras orais e escritas, entre outros pontos que possam ser definidos e organizados em *trilhas* separadas, permitindo uma maior sincronia e melhor transcrição do momento exato em que se deram as interações verbais. O ELAN:

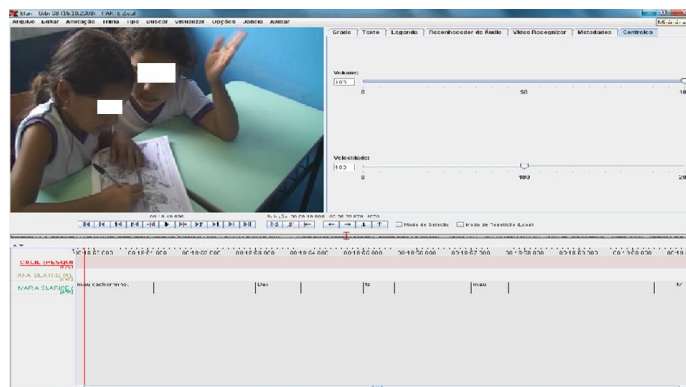


Figura 8 - Programa ELAN.

Fonte: *print* do programa em uso em computador.

Realizadas as transcrições, o anotador precisa transferir os dados do programa para um documento *word* com o fim de que possam ser utilizados em textos investigativos e científicos. Teremos, então, dessa forma, mais duas versões da gênese em processo, a “Versão Transcrição do Processo” e a “Versão Transcrição do Manuscrito em Coenunciação”. Isso porque a filmagem não pode ser colocada “no papel”, para que o leitor “assista” aos filmes; o que vai para os textos são as transcrições. Cada uma delas são consideradas *versões* exatamente por serem de outra ordem: não são movimentos visíveis como filme, são signos de linguagem transcritos. Isso nos permite ter em mãos tanto o processo filmado junto de sua transcrição, quanto o manuscrito em coenunciação e sua transcrição (cada um, um processo passível de análise e observação pelo crítico-pesquisador-professor genético). Analisá-los, comparando-os simultânea e sucessivamente, é uma tarefa que o geneticista precisa enfrentar. O trabalho é árduo, entretanto os frutos são mais promissores, tendo em vista que não só se tem em mãos um texto sem “falhas”, mas todo processo de sua criação, em *versões*, forjado em *camadas de sentido*.

Após finalizadas as transcrições, como consta da figura 9 (RUBRICA é o contexto; TC são os tempos cronometrados, ou seja, em que momento da filmagem aquilo foi dito; A é o nome do aluno que está falando; DIÁLOGO diz respeito às falas, que aparecem em negrito; e as partes que estão em parênteses é a contextualização específica daquela fala), não podemos deixar de lembrar que o *ELAN* não faz qualquer tipo de transcrição sozinho. Todo texto, todas as falas, todos os contextos são alimentados pelo pesquisador. O que o programa traz de útil é exatamente a possibilidade de sincronização do tempo e ordenação das falas:

²⁸ *Eudico Linguistic Annotator*, disponível gratuitamente no site: <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/download/>

RUBRICA 27:02-45:15	DIÁLOGO		
Após término da combinação da tarefa escolar sem caneta, a dupla pede a caneta ao professor e inicial efetivamente a escritura do texto escrito. A aluna responsável por escrever é Maria, e Ana precisa auxiliar, discutir, ditar e combinar oralmente o que vai ao papel Por conta disso, vemos a maior parte da enunciação sendo efetuada por Ana e não por Maria. Não há muita discussão sobre o que vai ser escrito. A estrutura de fala é mais ou menos a mesma, Ana primeiro	TC25 27:02 27:32	A	(Após receber a caneta do professor, Ana começa a ditar para Maria sobre o que escrever no 1ºQ) <i>Ele vai pegar a tinta para pintar a parede.</i>
	TC26 28:14 28:18	A	(O professor interfere toda a sala de aula, e explica aos alunos para utilizarem letra de forma, por isso que houve um espaço de tempo para esta próxima fala. Após esse silêncio, Ana retoma a fala e diz de novo a Maria o que escrever no 1ºQ, modificando um pouco o que disse antes. Maria demora a escrever pois a diáde vai soletrando a frase palavra por palavra, além de perguntarem ao professor se "balde" é escrito com "l" ou "u") <i>Ele vai pegar o balde de tintar.</i>
	TC27 29:54 30:56	A	(Ana, enquanto Maria deixa a caneta direcionada para o 2ºQ, vai ditando pausadamente a frase, enquanto Maria escreve) <i>Ele..... vai..... começar..... a..... pintar..... a..... parede.....</i>
	TC28 31:19 33:04	A	(Ana, enquanto Maria deixa a caneta direcionada para o 3ºQ, fala, e depois dita pausadamente a frase, enquanto Maria escreve) <i>Aqui..... Ele tá terminando de pintar a parede. Ele..... está..... terminando de.....</i>

Figura 9 - Transcrições feitas a partir das anotações do ELAN.

Fonte: *print* da transcrição em uso em computador.

Versão manuscrito escolar

Por derradeiro, temos o ME finalizado, pronto, “acabado”. A última versão do texto que deixou transparecer diversos outros momentos e movimentos de nascimento, de criação e de gênese. Esta contextualização metodológica é de sua importância, em especial para aquele que não está interessado apenas em saber como ficou o texto final dos alunos, mas, e principalmente, como caminhou a constituição desse texto, seu processo *nascendi*. Quando o professor-geneticista possui apenas em mãos esta última etapa da atividade, o ME, infelizmente tem uma perda imensurável de movimentos criativos anteriores. Possuir unicamente uma versão de todo processo apresenta uma carência enorme em especial quando da interpretação acerca da entrada textual-discursiva das crianças no funcionamento linguístico do gênero em questão, isto é, perde-se muito da movimentação que ocorre na aquisição da escrita e das características textuais de cada gênero usado em sala de aula. Vejamos a “Versão Manuscrito Escolar”, após combinação e escritura em ato:

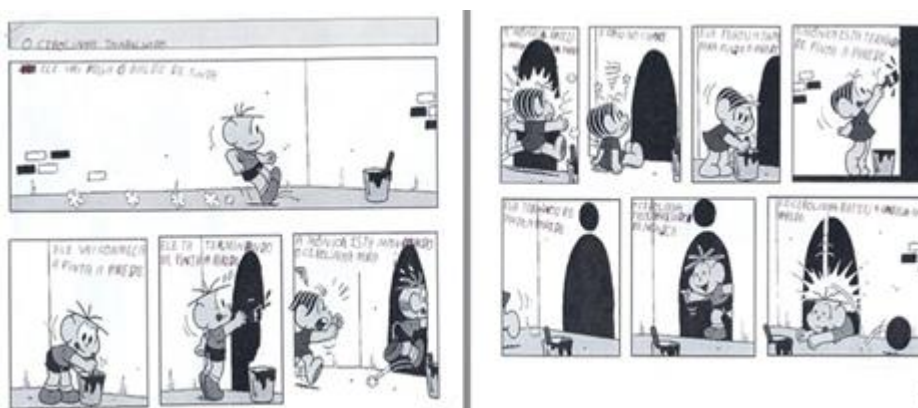


Figura 10 - Manuscrito Escolar finalizado por uma diáde de alunos.

Fonte: atividade em sala de aula.

Transcrição²⁹ com as devidas correções formais:

Genética textual e método: o processo de gênese na produção de manuscritos escolares a partir de versões em criação

TÍTULO: O CEBOLINHA ATRAPALHADO

- 1º Q: ELE VAI PEGAR O BALDE DE TINTA
2º Q: ELE VAI COMEÇAR A PINTAR A PAREDE
3º Q: ELE ESTÁ TERMINANDO DE PINTAR A PAREDE
4º Q: A MÔNICA ESTÁ MANDANDO O CEBOLINHA PARAR
5º Q: A MÔNICA BATEU A CABEÇA NA PAREDE
6º Q: E CAIU NO CHÃO
7º Q: ELA PEGOU A TINTA PARA PINTAR A PAREDE
8º Q: A MÔNICA ESTÁ TERMINANDO DE PINTAR A PAREDE
9º Q: ELA TERMINOU DE PINTAR A PAREDE
10º Q: O CEBOLINHA FICOU SORRINDO DA MÔNICA
11º Q: E O CEBOLINHA BATEU A CABEÇA NA PAREDE

Considerações Finais

Não trouxemos aqui neste artigo dados para, a partir da teoria, realizar análises. Nossa preocupação foi outra, a de apresentar a aplicabilidade de um projeto didático em que se possa contemplar um caminho [teórico-] metodológico diferenciado e diretamente ligado à GT. Com essa proposta, é possível constituir-se de um *corpus* bem diferente daqueles que carregam em si unicamente o texto final do aluno para ser trabalho, discutido ou analisado.

A proposta trouxe à tona uma possibilidade de se ter cinco *versões* da gênese, da criação, de um único texto, todas elas devidamente preservadas seja em vídeo seja em texto. Ou melhor, temos uma gama bem mais ampla dos processos inventivos de escritura (um *corpus* mais robusto), que se inicia apenas com discussão coenunciativa sem caneta em mãos, passando para outra discussão mais escritura juntas, chegando até as transcrições completas desses dois movimentos de criação, e, por fim, o ME “acabado”.

A ideia é compreender que, dependendo da metodologia utilizada – a nossa perpassa pelas noções da GT –, é perfeitamente possível extrair mais versões de textos finais, de textos escolares, coisa que permite enxergar não só o que foi terminado e “passado a limpo”, mas sim passar a limpo cada uma das versões, compreendendo o andar de todo processo criativo da gênese.

Trazer, compartilhar e refletir uma trilha metodológica que possa unir sala de aula, gênero textual adequado, alunos em colaboração, aquisição de linguagem (texto) escrita, GT e professor-geneticista parece ser algo de muita relevância quando temos o ambiente pedagógico e o texto em processos construtivo e constitutivo. Esperamos que ações como esta sejam copiadas por mais e mais professores e pesquisadores da área, para que a visão, o olhar e o enxergar do universo da criação textual em *locus* pedagógico possam também transacionar pelos sentidos que a crítica e a gênese podem permitir, tendo como pano de fundo cada uma das *versões* genéticas do nascimento textual a partir de atividades escolares.

²⁹ Optamos por trazer a transcrição para que o leitor possa observar de uma maneira mais geral a última versão da gênese de criação, o ME: tanto os quadrinhos digitalizados, quanto o texto findo colocado pelas crianças no papel.

Referências Bibliográficas

- CALIL, Eduardo. *Escutar o invisível: escritura & poesia na sala de aula*. São Paulo: Unesp, 2008.
- _____. *Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas*. 2. ed. Londrina: Eduel, 2009.
- CALIL, E.; LIMA, M. H. A. de. Nomes próprios em histórias inventadas: odores de um encadeamento. In: CALIL, E. (Org.). *Trilhas da escrita: autoria, leitura e ensino*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 111-131.
- DE BIASI, Pierre-Marc. O horizonte genético. In: ZULAR, Roberto (Org). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- _____. *A genética de textos*. Trad. Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- DIKSON, Dennys. *Estabelecimento do tópico discursivo em processo de escritura em ato de histórias em quadrinhos por díades recém-alfabetizadas*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.
- _____. O manuscrito escolar de histórias em quadrinhos: a imagem-texto rinhos: o papel da imagem no processo de criação de alunas recém-alfabetizadas. In: VERGUEIRO, Waldomiro, et. al. (org). *Interseções acadêmicas: panorama das 1as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Criativo, 2013.
- _____. *A gênese da referenciação-tópica em processos de escritura de histórias em quadrinhos da turma da Mônica: criação textual de alunas recém-alfabetizadas*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.
- FERRER, Daniel. A crítica genética do século XX será transdisciplinar, transartística e transemiótica ou não existirá. In: ZULAR, Roberto (Org). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- GRESILLON, Almuth. *Eléments de Critique Génétique: lire les manuscrits modernes*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1994.
- _____. *Elementos de Crítica Genética: ler os manuscritos genéticos*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birks... [et. al.]. Porto Alegre: Editoras UFRGS, 2007.
- LIMA, Hozanete Alves de; CALIL, Eduardo. A ocorrência homonímica com fenômeno que interfere no processo de criação de manuscritos escolares. *Revista da Anpoll, eletrônica (online)*, n. 37, p. 120-133, Florianópolis, Jul/Dez, 2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SOUZA, Adalberto de Oliveira. Crítica Genética. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2 ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005.
- VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “Alfabetização Necessária”. In: RAMA, Ângela; WERGUEIRO, Valdomiro (org). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.
- WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária*. São Paulo: Edusp, 1993.
- _____. Como se constitui a escritura literária?. In: ZULAR, Roberto (Org). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

Recebido em: 19 de janeiro de 2017

Aprovado em: 4 de junho de 2017